

Resumo: O autor propõe-se abordar as questões referentes ao Diaconato Permanente contemplando o Mistério de Cristo, o servidor fiel do Pai e, a partir dele, Lumen Gentium – Luz dos Povos – iluminar a vocação e a missão do diácono, sinal sacramental de Cristo Servo para a Igreja e para o mundo. Em concreto: a diaconia de Cristo no mistério da criação, da encarnação e no mistério pascal. De fato, Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo, aquele que esteve morto, mas agora vive para todo o sempre (cf. Ap 1,18), somente ele, servidor perfeito da vontade do Pai (cf. Jo 6,38), é que poderá, com seu testemunho único e definitivo, vencer os desafios e estabelecer as perspectivas para o Diaconato Permanente na sua Igreja.

Com o objetivo de tornar mais fácil a exposição, o autor desenvolve separadamente os conteúdos teológico-pastorais dos três momentos do único Mysterium Salutis – mistério da salvação –, buscando em cada um deles intuir a vontade de Deus sobre a vocação e a missão do diácono.

Abstract: The specific aim of this article is to focus on themes referring to the Permanent Diaconate while contemplating the Mystery of Christ, the faithful servant of God the Father and in the light of his eminent role, as explained in Lumen Gentium – Light of all Nations – to enlighten the vocation and the mission of the deacon, exercising the sacramental function of Christ the Servant in his ministry to the Church and to the world. Concretely, the diaconate of Christ exercised in the creation, incarnation, and Passover, makes us aware of the life of Christ from the very beginning and going through death until, in his Resurrection, he is restored to life according to an act God (Jn 6,38) and witnesses to a ministry in plenitude such as the Permanent Diaconate in his Church.

In order to offer an easier approach to the subject matter the author focuses separately on the theological and pastoral themes, dealing with the three moments of the unique event of the MYSTERIUM SALUTIS – mystery of salvation –, in an attempt to discern God's will concerning the vocation and mission of the deacon.

O Diaconato Permanente e o Mistério de Cristo

Valter Maurício Goedert*

* O autor, Doutor em Teologia pela Gregoriana, e Professor de Teologia Sacramental no ITESC, é Diretor da Escola Diaconal da Arquidiocese de Florianópolis.



Introdução

Com muita alegria, embora com apreensão, aceitei o convite do Departamento de Vocações e Ministérios – DEVYM – para visualizar perspectivas e identificar os desafios na caminhada do diaconato permanente na América Latina e no Caribe. A tarefa seria relativamente fácil se me ativesse, apenas, a analisar os avanços e as dificuldades, as conquistas e os reveses desse processo. Mas isso, creio, todos conhecemos a partir das experiências nacionais, que são muito semelhantes, respeitadas, evidentemente, as peculiaridades de cada país. As Conclusões das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe e as Diretrizes para o Diaconato Permanente aprovadas pelas nossas Conferências Episcopais revelam os principais desafios e apontam perspectivas novas. O principal problema consiste em passar da constatação ao encaminhamento prático das questões.

Propus a mim mesmo a tarefa de analisar essas realidades contemplando o Mistério de Cristo, o servidor fiel do Pai e a partir dele, **Lumen Gentium** – Luz dos Povos – iluminar a vocação e a missão do diácono, sinal sacramental de Cristo Servo para a Igreja e para o mundo. Em concreto: a diaconia de Cristo no mistério da criação, da encarnação e no mistério pascal. Na criação do homem, a Palavra eterna do Pai empresta, por assim dizer, sua imagem : *“Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou”* (cf. Gn 1,27). Por sua encarnação, *“a Palavra de Deus se fez carne e veio morar entre nós”* (cf. Jo 1,14). Por sua morte e ressurreição. O Verbo de Deus encarnado, Jesus Cristo, *despojou-se. assumindo a forma de escravo; abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, a morte sobre a cruz* (cf. Fl 2,5-8).

Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo, aquele que esteve morto, mas agora vive para todo o sempre (cf. Ap 1,18), somente ele, o servidor perfeito da vontade do Pai (cf. Jo 6,38), poderá, com seu testemunho único e definitivo, vencer os desafios e estabelecer as perspectivas para o Diaconato permanente na sua Igreja.

Com o objetivo de tornar mais fácil a exposição, refletirei separadamente os conteúdos teológico-pastorais dos três momentos do único **Mysterium Salutis** – mistério da salvação –, buscando em cada um deles intuir a vontade de Deus sobre a vocação e a missão do diácono.



I – CRIAÇÃO E DIACONIA

1 Jesus, Servidor do Pai

“No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: Faça-se a luz” (cf. Gn 1,1-3).

1.1 Cristo, Imagem do Deus invisível

A obra da criação, embora atribuída particularmente ao Pai, é igualmente do Filho e do Espírito Santo. As três Pessoas divinas são o único e indivisível princípio da criação¹. Deus pronunciou uma só Palavra, seu Verbo único, no qual se expressou por inteiro (cf. Hb 1,1-3). A criação foi tirada do nada no e por meio do Verbo eterno: somente ele é a imagem do Deus invisível (cf. Cl 1,15). Deus é o criador, o autor e o ordenador de tudo. Ele fez todas as coisas por si mesmo, isto é, pelo seu Verbo e Sabedoria².

O Antigo Testamento faz referência à Sabedoria eterna de Deus. O autor do livro da Sabedoria compara a sabedoria de Deus a um guerreiro que traz a espada afiada, a fim de separar o bem do mal (cf. Sb 18,14-16). O profeta Isaías, no segundo cântico do Servo, afirma que o Senhor fez de sua língua *uma espada afiada* (cf. Is 49,2). No Evangelho de Mateus, Jesus assegura que veio trazer a espada para separar a verdadeira da falsa paz (cf. Mt 10,34). A sabedoria de Deus exerce também essa função de discernimento dos espíritos.

O autor do livro dos Provérbios ensina que o Senhor Deus fundou a terra com sabedoria (cf. Pr 3,19). Referindo-se ao Messias, Isaías lhe atribui o *espírito de sabedoria e de entendimento* (cf. Is 11,2). *“Desde a eternidade fui estabelecida (a sabedoria), desde o princípio, antes da origem da terra”* (cf. Pr 8,22).

“Já que Deus cria com sabedoria, a criação é ordenada: Tu dispuseste tudo com medida, número e peso (Sb 11,20). Feita no e por meio do Verbo eterno, imagem do Deus invisível (Cl 1,15), a criação está des-

¹ Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 316.

² *Id.*, n. 292.



tinada, dirigida ao homem, imagem de Deus, chamado a uma relação pessoal com ele”³.

O Novo Testamento traduz essa função criadora do Verbo de Deus aplicando a categoria de imagem. A Palavra de Deus encarnada, Jesus Cristo, é a imagem ou semelhança de Deus (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15). Em Cristo vemos a Deus (cf. Jo 14,9). Ao participar da vida de Cristo, o homem recupera a imagem divina (cf. Rm 8,29), que é o objetivo original de sua criação (cf. 1Cor 10,7). Cristo realizou o destino do ser humano no sentido de ser a imagem de Deus que foi desfigurada pelo pecado. Em comunhão com Cristo, somos transformados para ser imagem dEle (cf. Ef 4,24; Cl 3,10). A restauração de nossa imagem divina, em Cristo, já constitui uma realidade presente (cf. 2Cor 3,18; Cl 3,10) e também uma realidade escatológica (cf. 1Cor 15,49; Fl 3,21).

Estritamente associado ao Pai em sua atividade criadora, Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada, é o único Senhor *por quem tudo existe e para quem somos* (cf. 1Cor 8,6). Ele é o *princípio da criação de Deus* (cf. Ap 3,14), *resplendor de sua glória e efigie de sua substância* (cf. Hb 1,3). *Imagem do Deus invisível, é também o Primogênito de toda a criatura* (cf. Cl 1,15). Cristo é o mediador da criação. Isso não significa que ele, Cristo, foi criado como primeira criatura: antes, quer-se acentuar sua preexistência singular sobre a criação. Ele é antes de todos (cf. Cl 1,17). O Pai não só cria tudo por, com e no seu Verbo, mas por ele tudo sustém (cf. Hb 1,15; Cl 1,1ss).

“Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. É a Cabeça da Igreja que é seu Corpo. É o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todas as seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue de sua cruz” (cf. Cl 1,15-20).

A Palavra de Deus, Jesus Cristo, é o **artífice**, o **modelo** e o **fim** de todas as coisas. Cristo é o divino instrumento criador na obra da criação. É o princípio vital que age por seu Espírito, Senhor e fonte da vida. Cristo permanece para sempre, pois tudo nele encontra subsistência e

³ Id., n. 299.



consciência (cf. Cl 1,17). Conserva na existência o mundo, no sentido de Deus-Providência. *“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”* (cf. Jo 1,1-5).

Cristo também constitui o fim último de toda a criação, como modelo segundo o qual o mundo foi criado. Ele é o Senhor escatológico de toda a criação (cf. Ef 1,10. 20-22; 4,10), o herdeiro do universo escatológico (cf. Hb 1,2). O mundo foi igualmente criado para ele, enquanto Cristo é a meta intrínseca de todo ser.

A criação à imagem da Palavra de Deus se realiza pela ação do Espírito Santo, Senhor e Fonte de vida. O Pai dá origem à criação por sua Palavra eterna e esta ação criadora é fecundada pelo seu Espírito

“No princípio era o Verbo... e o Verbo era Deus...Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito (Jo 1,1-3). O Novo Testamento revela que Deus criou tudo por meio do Verbo Eterno, seu Filho bem-amado. Nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra... Tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste (Cl 1,16-17). A fé da Igreja afirma, outrossim, a ação criadora do Espírito: ele é o doador da vida, o Espírito criador, a fonte de todo bem”⁴.

1.2 O homem, imagem de Cristo

O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus na qualidade de ser vivo (cf. Gn 1,27). Esta especial dignidade do homem é ressaltada pelo salmista: *“Que coisa é o homem para dele te lembrares? Que é o ser humano para o visitares? No entanto, o fizeste só um pouco menor que um deus, de glória e de honra o coroaste. Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos.Tudo puseste sob seus pés”* (cf. Sl 8,5-7).

Evidentemente, a situação privilegiada do ser humano como imagem de Deus não elimina a distância que o separa do próprio Deus (Criador-criatura). A imagem e semelhança divinas são atribuídas ao ser humano por ele possuir uma alma racional, por constituir um ser espiritual. Deus cria o homem para que esteja diante de si, como inter-

⁴ Id., n. 291.



locutor com quem possa relacionar-se pessoalmente. Essa capacidade de relacionamento com Deus é exclusiva do homem e se mantém mesmo depois do pecado, embora o homem tenha sido infiel ao Criador. Como o ser humano foi criado como homem e mulher, ambos, igualmente, são imagem de Deus.

No Novo Testamento o tema foi retomado particularmente por Paulo. Na primeira carta de João se fala da imagem de Deus ou de Cristo: *“Vede que grande presente de amor o Pai nos deu: domos chamados filhos de Deus! E nós o somos! Se o mundo não nos conhece, é porque não conheceu o Pai. Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas nem sequer se manifestou o que seremos! Sabemos que, quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o seremos tal como ele é”* (cf. 1Jo 3,1-2).

Conforme interpretação literal, o que deve manifestar-se é o que seremos; nesse caso, a nossa semelhança seria com Deus, o Pai, que veremos tal como ele é. No entanto, há uma segunda possibilidade: no contexto imediato, o verbo *manifestar-se* é aplicado duas vezes a Jesus (cf. 1Jo 28; 3,5). E se refere à vida futura. Portanto, não se deve excluir que o sujeito implícito é o Verbo, a Palavra eterna de Deus, Jesus Cristo. Nesse caso, ele – Jesus Cristo – é o objeto imediato de nossa visão e o ponto de referência de nossa semelhança divina.

A dignidade superior do homem afirmada no texto do livro do Gênesis como imagem e semelhança se manifesta na predestinação eterna de Deus Pai ao nos criar à imagem do seu Filho morto e ressuscitado. Nesse sentido, Cristo se situa como modelo desta imagem divina, por preexistir ao ser humano.

1.3 Criação e providência

A criação não só é obra do poder de Deus, mas também do seu amor, de sua providência. Deus conserva e governa com sua providência tudo o que ele criou não como realidade pronta, acabada, mas para uma perfeição última a ser ainda atingida como destino final. As disposições pelas quais Deus conduz suas criaturas, nós as chamamos de divina providência⁵.

⁵ Id., n. 302.



1.4 Criação e história

Neste contexto se insere a relação entre criação e história. No Antigo Testamento, o conhecimento de Deus se insere radicalmente na história. Israel descobriu Deus através de suas intervenções salvíficas em sua história. A partir do Deus da história é que Israel chegou ao Deus da criação, do Deus salvador ao Deus criador (cf. Sl 18; 102; 104). Iahweh é o criador de tudo, por isso age continuamente em sua natureza e orienta a história de Israel.

A fé do povo de Israel na criação nasceu com a experiência fundamental do Êxodo e da Aliança do Sinai: somente Iahweh, Deus poderoso em suas intervenções histórico-libertadoras, é também o Deus criador de todas as coisas. A criação é o primeiro ato da história da salvação. A criação, porque foi compreendida a partir da história da salvação, continuará sempre associada a essa história e explicada à sua luz, principalmente à luz do Êxodo e da Aliança.

“Louvai o Senhor Deus, pois ele é bom: pois eterno é seu amor. Louvai o Deus dos deuses: pois eterno é seu amor. Louvai o Senhor dos senhores: pois eterno é seu amor. Só ele fez grandes maravilhas: pois eterno é seu amor” (cf. Sl 136,1-4).

1.5 Criação e eucaristia

O homem encontra sua identidade peculiar não em contraposição à natureza, mas na associação a ela. O ser humano é *outro* com relação à natureza, não se separando, mas colocando-se em relação a ela. A criação do homem como que humaniza toda a natureza, libertando-a dos próprios limites e colocando-a em suas mãos. *“Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”* (cf. Gn 1,28). O ser humano é chamado a exercer uma missão de ligação entre Deus e a criação, uma missão sacerdotal. Tomando o mundo em suas mãos, integrando-o criativamente e referindo-o a Deus, o homem liberta a criação de seus limites e faz com que exista em plenitude.

Infelizmente, não foi esse o caminho percorrido pela humanidade, a partir do pecado dos primeiros pais. O pecado criou uma situação caótica na obra da criação, situação que foi sanada por Jesus Cristo, o Redentor do homem e da criação. Onde Adão fracassou, Cristo venceu, mostrando que a criação não nos pertence, mas pertence a Deus. A partir



da nova criação em Cristo, podemos agir como novos sacerdotes da nova criação: “*Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova*” (cf. 2Cor 5,17).

Na eucaristia e através da eucaristia o universo inteiro torna-se uma liturgia, uma liturgia cósmica que eleva toda a criação a Deus. A liturgia acolhe positivamente o mundo e a criação. Todos os fiéis que participam da liturgia levam consigo o mundo e sua história. Na eucaristia, o natural e o sobrenatural se unem. Natureza e criação são uma só realidade que provém de Deus e a ele é oferecida.

“A eucaristia está no meio do mundo como uma fogueira no meio da noite. Opondo-se às paixões do ódio, da luxúria e da avareza, ela purifica os corações, recria o gosto pela fraternidade, desperta o dever pela ação social, restabelece as comunicações. Quanto mais a eucaristia atua na sociedade, tanto mais essa mesma sociedade se unifica e se eleva”⁶.

2 A Igreja, servidora de Cristo

A diaconia da Igreja, na ótica do mistério da criação, não se reduz à defesa da natureza como obra divina e ao correto uso dos bens da criação, impedindo que a exploração das reservas naturais venha a pôr em risco o equilíbrio ecológico, e que o uso desses bens, necessários ao desenvolvimento dos povos, não se transforme em sua depredação, mas colabore positivamente com a humanidade, oferecendo-lhe não só elementos para uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto, como ainda propondo alternativas para um aproveitamento equilibrado e sustentável dos bens materiais. Defender a natureza é proteger o ser humano. O serviço ao homem passa também pelo serviço à natureza. A causa ecológica tem dimensão teológica.

Os bispos reunidos em Puebla, em 1979, reconhecem a gravidade da exploração irracional dos recursos naturais (cf. DP, 139) e denunciam os efeitos devastadores de uma industrialização descontrolada e de uma urbanização desgovernada (cf. DP, 496). O Documento de Santo Domingo, em 1992, incrimina o mau uso desses recursos como fator de insensibilidade social e ceticismo ante a falta de aplicação da justiça em detrimento dos valores humanos e cristãos (cf. DSD, 233). Aborda, ainda, o tema da ecologia: “A criação é obra da Palavra do Senhor e da presença

⁶ GIORDANI, Igino, “O que significa a eucaristia hoje” – Cidade Nova, p. 55.



do Espírito, que desde o início pairava sobre tudo o que foi criado. Esta foi a primeira aliança de Deus conosco. Quando o ser humano, chamado a entrar nesta aliança de amor, se nega, o pecado do homem afasta sua relação com Deus e com toda a criação” (cf. DSD, 169).

“O ser humano foi feito de tal forma que estará sempre junto e no meio da criação como aquele que vai atuar sobre ela, consoante o dinamismo divino que ele possui em si mesmo recebido de Deus, pois é dEle imagem e semelhança. Em outras palavras, o ser humano só poderá ser humano e realizar-se realizando o mundo e inserindo-se nele na forma de trabalho e de cuidado. Aqui não há nada de destrutivo e dominador. Pelo contrário. Estamos diante de uma inscrição profundamente teológica e destinada a manter o equilíbrio da criação, mesmo avançando e sendo transformada pelo trabalho humano”⁷.

A Igreja se insere no esforço permanente em favor do respeito à pessoa humana e na condenação de qualquer violação dos seus direitos fundamentais, aproximando as pessoas e rejeitando tudo o que atenta contra a própria vida (cf. *Gaudium et Spes*, n. 27). A Igreja somente é sinal de salvação no mundo quando se põe a serviço de Deus – no culto divino. Seu serviço junto ao mundo e sua esperança futura se unem numa única imagem e sinal.

Por sua ação cultural e litúrgica, a Igreja anuncia e atua, em nome de Cristo e por obra do Espírito Santo, a reconciliação, o louvor, a ação de graças, na celebração do mistério pascal de Jesus. O ato de culto, o ato sacramental e a oração exprimem a fé e a comunhão eclesial. A Igreja reconciliada por meio do sacrifício redentor de Cristo na cruz se torna servidora, no culto divino, da reconciliação da humanidade e de todo o universo com o Pai, em Cristo e na força do seu Espírito.

“Nós vos agradecemos, Deus Pai todo-poderoso, e por causa de vossa ação no mundo vos louvamos pelo Senhor Jesus. No meio da humanidade, dividida em contínua discórdia, sabemos por experiência que sempre levais as pessoas a procurar a reconciliação. Vosso Espírito Santo move os corações, de modo que os inimigos voltem à amizade, os adversários se dêem às mãos e os povos procurem reencontrar a paz”⁸.

⁷ BOFF, Leonardo, *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade*, Ed. Ática, São Paulo, 1993, pp. 48-49.

⁸ Cf. *Oração Eucarística sobre a Reconciliação II*.



A Igreja se torna, em Cristo, sacramento de reconciliação dos homens entre si e da humanidade com a criação. Somente o ser humano reconciliado é capaz de se reconciliar com o mundo em que vive, promovendo o legítimo progresso no respeito à natureza. A Igreja como que sela com a humanidade o ato redentor de Cristo. Aquilo que Jesus realizou se atualiza e se interioriza na Igreja em relação à humanidade e ao universo criado por Deus. A comunhão com Cristo, o divino Esposo, impulsiona a Igreja à unidade (cf. Jo 17,21).

Jesus, o Servidor da vontade do Pai (cf. Jo 5,30), deseja uma Igreja servidora; ela é no mundo até o fim dos tempos a servidora do desígnio salvífico de Deus. A Igreja não tem outra glória e interesse senão o de servir. Quanto mais se une ao Pai, como Jesus, muito mais a Igreja é motivada a fazer sua vontade. Não se fecha em si mesma no egoísmo e na auto-suficiência, mas abre-se para Deus e para os homens. O serviço, em forma de pobreza evangélica, impele a Igreja a uma atitude de abertura em face de uma humanidade marcada por exclusões até mesmo no que diz respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana. Sente-se compelida a servir no amor existente em cada pessoa, ainda que não possa levá-lo à sua plena explicitação cristã.

Impulsionada pelo Espírito, a Igreja faz seu o mistério de Cristo Servidor. Ela é no mundo, até o fim dos tempos, a servidora do desígnio do Pai. A Igreja inteira é chamada ao serviço da vontade do Pai. No Cristo-Servidor, ela deve viver, não para sua própria glória, para seus interesses, mas para a glória e os interesses daquele que a enviou, Jesus Cristo. No esforço de tornar-se sempre mais uma comunhão de vida, a Igreja se coloca a serviço da plena realização da história da salvação; não constitui uma sociedade fechada sobre si mesma, mas se sente aberta para o Pai e para a humanidade a serviço da comunhão. A Igreja não pode anunciar o Evangelho do mesmo modo como se ensina uma doutrina, por bela que seja; ela o propaga, abraçando a mesma atitude de Cristo-Servidor, mostrando aos homens que os ama verdadeiramente, quando lhes anuncia o Evangelho da salvação.

A fim de poder discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo e julgá-las à luz da palavra divina, a Igreja tem necessidade de contínua renovação interior (cf. *Presbyterorum Ordinis*, n. 12), inclusive na formulação de sua doutrina (cf. *Gaudium et Spes*, n. 62; *Unitatis Redintegratio*, n. 6) e nas relações com o mundo.



“Para desenvolver suas relações com o mundo, a Igreja sabe igualmente o quanto deve continuamente aprender da experiência dos séculos. Guiada pelo Espírito Santo, a Mãe Igreja exorta os seus filhos incansavelmente à purificação e à renovação, para que o sinal de Cristo brilhe mais claramente sobre a face da Igreja” (cf. Gaudium et Spes, n. 43).

O engajamento nessa tarefa é missão de todos os cristãos, em particular dos ministros da Igreja e, por conseguinte do diácono, uma vez que ele é chamado a colocar em evidência e a potencializar para todo o povo de Deus a dimensão de serviço⁹. Pela sua animação e criatividade, e pelo testemunho de vida, o diácono deverá estar à altura de interpretar a história como acontecimento de salvação, a partir de seu compromisso de fidelidade a Cristo, *“que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos”* (cf. Mc 10,45).

“É preciso que os diáconos sejam ministros dos mistérios de Jesus Cristo e agradem a todos sob todos os aspectos, porque são servidores não somente para o sustento e a bebida, mas estão a serviço da Igreja de Deus”¹⁰.

O diácono oferece com toda a Igreja o sacrifício da própria vida, do seu testemunho de servidor, a exemplo de Cristo Servo, que *nos amou e se entregou a Deus por nós como oferenda e sacrifício de suave odor* (cf. Ef 5,2). Como pedras vivas que formam o sacrifício espiritual e santo, o diácono oferece, a partir da sua diaconia pela Igreja e por todos os que têm necessidade do seu serviço, *oferendas e sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo* (cf. 1Pd 2,5).

O sacrifício espiritual oferecido pelos cristãos e, por conseguinte, pelo diácono, na santidade de vida, na doação completa em favor dos excluídos do amor e da fraternidade universal, dos despojados dos bens fundamentais à sobrevivência digna como pessoas humanas, dos que são excluídos das decisões que orientam a humanidade, dos empobrecidos e marginalizados pela sociedade de consumo, torna-se hóstia pura e agradável a Deus, e eles podem afirmar como Paulo: *“Mesmo que meu sangue seja derramado sobre o sacrifício que é o serviço da vossa fé, eu me alegro e reparto minha alegria convosco”* (cf. Fl 2,17).

⁹ Cf. CNBB, *Diretrizes para o Diaconato Permanente*, documento 74, n. 39.

¹⁰ Inácio de Antioquia, *Tral.* 2,3.



Desse modo, o diácono se une a Cristo sumo e eterno sacerdote como uma oblação única por ele levada à perfeição definitiva (cf. Hb 10,12). Por seu testemunho, por seu serviço desinteressado de qualquer promoção humana, também o diácono poderá convidar seu irmão na fé, como o fez o autor da Carta aos Hebreus: “*Corramos com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé a leva à perfeição*” (cf. Hb 12,1-2).

3 Perspectivas e desafios

- Cabe ao diácono promover a dignidade da pessoa humana como imagem de Deus em Cristo, defendendo pela força da palavra e pela eficiência de atitudes concretas seus direitos fundamentais.
- Por seu anúncio profético e pelo serviço fraterno, o diácono deve tornar-se *sacramento* da Providência Divina, particularmente em relação aos empobrecidos, enfermos e desamparados.
- Através de sua inserção na história, o diácono deve revelar aos homens que a criação é o primeiro ato do *Mysterium Salutis* e que, à luz desse ato criador, que se prolonga até do fim dos tempos mediante a Divina Providência, deve ser construída a fraternidade entre os povos.
- Uma vez que defender a natureza é proteger o próprio ser humano, e que o serviço ao homem passa também pela preservação da natureza, o diácono deve assumir a causa ecológica não apenas como fator de sobrevivência humana mas, acima de tudo, como constituinte teológica que fundamenta a salvaguarda dos recursos naturais do planeta. Não temos o direito de apresentar a Deus uma natureza sucutada!
- Por sua animação e criatividade, deve o diácono estar à altura de interpretar a história, de perceber nos acontecimentos diários os desígnios de Deus, a partir de seu compromisso de fidelidade a Cristo Servo.
- O diácono oferece, ainda, com toda a Igreja, o sacrifício da própria vida, de sua *diaconia charitatis* como sacrifício espiritual agradável a Deus, na santidade de vida e na doação sem reservas em favor dos seus irmãos, a exemplo do Mestre, “*que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos*” (cf. Mc 10,45).



II – ENCARNAÇÃO E DIACONIA

1 O Verbo encarnado, servidor do Pai

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de uma mulher; nascido sob a Lei, para reunir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial (Gl 4,4-5). Este é o Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Deus visitou seu povo, cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência; fê-lo para além de toda expectativa: enviou seu Filho bem-amado”¹¹.

A Sagrada Escritura descreve de vários modos o mistério da Encarnação. Jesus Cristo é o enviado para a libertação dos oprimidos (cf. Is 61,1). Ele mesmo se diz enviado pelo Pai (cf. Jo 6,57; 13,20; 17,3). Paulo afirma que o Pai enviou seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado e por causa do pecado (cf. Rm 8,3), nascido sujeito à Lei para resgatar os que estavam sujeitos à Lei (cf. Gl 4,4). O Filho vem ao mundo para que tenhamos a vida por meio dele (cf. 1Jo 4,9), para ser o nosso Salvador (cf. 1Jo 4,14).

O tema da Encarnação é, ainda, descrito como a chegada da luz. O salmista proclama que o Senhor é *lâmpada para os pés e luz para o caminho* (cf. Sl 118,105). *Para os que se encontravam nas trevas, uma luz resplandeceu* (cf. Is 9,1). O Servo de Iahweh é a *luz das nações* (cf. Is 42,6; 49,6). Jesus veio como a *luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todos ilumina* (cf. Jo 1,9). Na carta a Timóteo, Paulo anuncia Jesus como o *único que possui a imortalidade, que habita numa luz inacessível* (cf. 1Tm 6,16). Pedro confirma que fomos chamados *das trevas para sua luz maravilhosa* (cf. 1Pd 2,9). Quem permanece no amor de Deus, vive na sua luz (cf. 1Jo 2,10). O Cordeiro imolado e glorificado brilhará como luz para sempre (cf. Ap 22,5).

Outro termo para designar o Verbo de Deus encarnado é o de Salvador. Iahweh enviará seu Salvador, seu Redentor, alegria de Sião (cf. Is 59,20. 26; 62,11). Maria se alegra com a vinda do Salvador. Simeão agradece, porque seus olhos viram a *salvação, luz para iluminar as nações e glória de Israel* (cf. Lc 2,11.30-32). Os samaritanos reconhecem Jesus como o *salvador do mundo* (cf. Jo 4,42). A pregação dos Apóstolos exalta o poder restaurador de Cristo Ressuscitado (cf. At

¹¹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 422.



3,21-23). A manifestação de Jesus é o evento da graça de Deus (cf. 1Tm 4,10; 2Tm 1,10).

“Pois a graça salvadora de Deus manifestou-se a toda a humanidade. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver neste mundo com ponderação, justiça e piedade, aguardando a ditosa esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador” (cf. Tt 2,11-13).

Em Cristo tudo nos foi dado e revelado. Palavra de Deus feito carne, ele é, em sua própria pessoa, a revelação de Deus e o próprio Deus revelado. Constitui a epifania de Deus em nossa história. A auto-expressão de Deus ocorre quando o Verbo é proferido pelo Pai. Em Jesus Cristo, Deus exprime a si mesmo, em si mesmo e para si mesmo. O Pai se conhece em seu Verbo. Aquele que no seio da Santíssima Trindade já é a Palavra reveladora e eterna de Deus, é também quem realiza a missão de revelar aos homens o mistério de Deus e sua própria condição de seres humanos.

Quem pode revelar o Pai senão o Filho, imagem perfeita do Pai? Em Jesus Cristo e por ele, aquele que em Deus é a Verdade e o Revelador do Pai, interpreta para nós os desígnios do Pai, sua vida íntima, em palavras e gestos humanos (cf. Jo 1,18). A Palavra eterna de Deus fez-se Evangelho. A humanidade de Cristo não é uma simples aparência, uma roupagem: a natureza humana do Filho de Deus é verdadeiramente expressão do próprio Deus, a auto-expressão de Deus. Cristo é Deus de maneira humana e homem de maneira divina. O conhecimento de Deus não só passa por Jesus Cristo, mas é Jesus Cristo. Pelo Filho, feito visível, palpável, o Pai se manifestou definitivamente

“O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem”¹².

A Encarnação do Verbo foi o caminho escolhido por Deus para revelar seu plano salvífico e se revelar a si mesmo. “O Cristo, sendo Deus que revela, é ao mesmo tempo o Deus revelado. O Deus verdadeiro que ele ensina é o Deus por ele anunciado e nele reconhecido, tanto assim que

¹² Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 464.



ao confessar o Filho confessamos também o Pai. O Cristo é ao mesmo tempo o Deus que fala e o Deus do qual se fala, a testemunha e o objeto do testemunho, autor e objeto da revelação, aquele que revela o mistério e o próprio mistério em Pessoa... Cristo é o caminho da revelação, isto é, o meio escolhido por Deus para nos manifestar o que ele é (Pai, Filho e Espírito Santo)...O Cristo é o sinal da revelação: sinal ao mesmo tempo conformativo (motivo de credibilidade) e figurativo (símbolo)... Finalmente, o Cristo é a resposta perfeita que a humanidade dá à revelação... Cristo é, pois, plenitude da revelação”¹³.

“Na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão, o primeiro homem, era figura daquele que haveria de vir, isto é, do Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto, de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice” (cf. Gaudium et Spes, n. 22).

A Encarnação é, portanto, o mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa do Verbo. “Por esta razão, ao entrar no mundo, Cristo declara: *Não quiseste vítima nem oferenda, mas formaste um corpo para mim. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: Eis que eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade”* (Hb 10,5-7).

Cristo, Servidor do Pai, é, também, o Emanuel, Deus conosco. A partir da Encarnação do Verbo de Deus a humanidade não será a mesma. Jesus entra em nossa história para nos redimir mediante a história. Não haverá duas histórias, mas uma única: a História da Salvação. Cristo Ressuscitado é o Senhor da história! A diaconia da Encarnação dá início à restauração não apenas do ser humano, mas de todo o universo. Percebendo a magnitude deste mistério, Paulo exorta: *“Haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus. Ele, existindo em forma divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano. E encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz”* (Fl 2, 5-8).

¹³ Cf. LATOURELLE, René, *Teologia da Revelação*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1972 (trad.), pp. 483-485.



2 Encarnação da Igreja como Diaconia

2.1 Evangelização e diaconia

A palavra de Deus é essencialmente acontecimento. O evento Jesus Cristo, Palavra eterna do Pai encarnada, constitui a plenitude dos tempos. Ao criar o mundo por sua Palavra, Deus quis não apenas dar vida a todos os seres, particularmente ao ser humano, mas iniciou um processo de relação com suas criaturas. Deus criou o homem em vista da comunhão e do diálogo salvador. A obra da criação está destinada, desde sua origem, à participação da vida íntima com Deus-Trindade. Ele, que no segredo de sua vida goza de uma maravilhosa fecundidade, cujo fruto é o Filho bem-amado, estende, de certa maneira, para fora de sua intimidade esse dinamismo vital.

A Igreja é chamada a ser comunidade profética menos por aquilo que prega e anuncia em suas palavras e mais pelo que ela é. A Igreja é profecia, porque nela Deus revela ao mundo o seu plano de amor; ela é, no hoje da história, o acontecimento pelo qual o Pai, em Jesus Cristo seu Filho feito carne, e no dinamismo do Espírito Santo, faz entrar no mundo a plena comunhão, a atualização, fora da intimidade divina, daquele que Deus tinha em vista, quando criou o universo. A Igreja não se limita a falar em nome de Deus: em Cristo, a Igreja é palavra de Deus.

“A Igreja, comungando das melhores aspirações dos homens e sofrendo de os ver insatisfeitos, deseja ajudá-los a alcançar o pleno desenvolvimento e, por isso, propõe-lhes o que possui como próprio: uma visão global do homem e da humanidade”¹⁴.

A Igreja serve a humanidade quando anuncia o Evangelho, serviço essencial e fundamental que presta aos homens, serviço no qual tem uma missão insubstituível. Uma Igreja que não prestasse esse serviço não seria Igreja de Cristo. Não pode pregar o Evangelho da mesma forma como ensina uma doutrina, ainda que atraente. Coloca-se a serviço dos homens e os ama verdadeiramente, procurando conduzi-los à plena realização de sua vocação humana.

“Para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper;

¹⁴ Paulo VI, *Populorum Progressio*, n. 13.



e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio da evangelização. O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres... Será, pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de tudo, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; palavra, testemunho de santidade”¹⁵.

O diácono desempenha uma função importante na tarefa de tornar a Igreja mais apta para levar ao mundo sua mensagem de verdade e de salvação. “A Igreja converte-se cada dia à palavra da verdade. Segue pelos caminhos da história a Cristo encarnado, morto e ressuscitado e faz-se seguidora do Evangelho para transmiti-lo aos homens, com plena fidelidade” (cf. **Puebla**, n. 349).

“O diácono, antes de ser servidor da Palavra, será discípulo e ouvinte. Com frequência fará a leitura meditada e orante da Sagrada Escritura, que é a escuta humilde e cheia de amor daquele que fala. A familiaridade com a Palavra de Deus facultará o itinerário de conversão não apenas para separar-se do mal e aderir ao bem, mas também para alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé como resposta à Palavra de Deus se torne o novo critério de juízo e avaliação das pessoas e dos acontecimentos”¹⁶.

Como anunciador da palavra, o diácono convive assiduamente com o Evangelho e transmite à comunidade a palavra da qual ele mesmo sentiu, por primeiro, a força libertadora. Como discípulo de Cristo, torna-se servidor da palavra. Por sua pregação e por sua vida anuncia à Igreja e ao mundo o poder transformador do Evangelho. “Recebe o Evangelho de Cristo, do qual foste constituído mensageiro; transforma em fé viva o que lês, ensina aquilo que crês e procura realizar o que ensinas”¹⁷.

2.2 Inculturação e diaconia

“A nova evangelização tem como ponto de partida a certeza de que em Cristo há uma riqueza insondável que nenhuma cultura, de qualquer época, extingue, e à qual nós homens sempre poderemos recorrer para

¹⁵ Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, n. 41.

¹⁶ cf. CNBB, *Diretrizes para o Diaconato Permanente*, n. 58.

¹⁷ Cf. Rito de Ordenação, n. 238.



enriquecer-nos. Falar de nova evangelização é reconhecer que existiu uma antiga ou primeira. Seria impróprio falar de nova evangelização de tribos ou povos que nunca receberam o Evangelho. Na América Latina, pode-se falar assim, porque aqui se realizou uma primeira evangelização nos últimos 500 anos” (cf. DSD n. 24).

A Igreja tem a vocação de servir o povo de Deus. Como o Pai enviou o seu Filho para que fosse o servidor da humanidade mediante a sua encarnação e ressurreição, do mesmo modo Cristo enviou a sua Igreja para que por ela e nela o Espírito Santo leve à consumação a obra evangelizadora.

“Para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo o momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações internas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática” (cf. Gaudium et Spes, n. 4).

A nova evangelização leva a conhecer bem as situações concretas vividas pelo homem contemporâneo para oferecer-lhe a fé como elemento iluminador (cf. DSD, n. 48). Significa, ainda, dar especial atenção à valorização da piedade popular (cf. DSD, n. 53). A Igreja espera muito do empenho de todos os leigos que, com entusiasmo e eficácia evangelizadora, agem através dos novos movimentos apostólicos (cf. DSD, n. 102). O grande desafio encontra-se na busca de caminhos e formas novas para seguir uma pastoral orientada para aquelas situações irregulares, particularmente na vida dos casais (cf. DSD, n. 24).

“Movido pela fé e conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, nas quais participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença dos desígnios de Deus. A fé, com efeito, esclarece todas as coisas com luz nova. Manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem. Por isso orienta a mente para soluções plenamente humanas” (cf. Gaudium et Spes, n. 11).

Esse engajamento na realidade social, política e econômica compete, de modo particular, aos fiéis leigos. O Papa João Paulo II, em sua Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, enfatiza a índole secular



do apostolado dos fiéis leigos em sua vocação e missão na Igreja e no mundo. Através deles a Igreja faz-se, de modo especial, serva dos homens, descobre o homem ao homem. “Ele é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no desempenho de sua missão: ele é o caminho primeiro e fundamental da Igreja, caminho traçado pelo próprio Cristo, caminho que naturalmente passa através do mistério da Encarnação e da Redenção” (cf. n. 36).

De modo particular, essa missão se realiza através do ministério dos fiéis leigos. A Igreja descobre e ajuda a descobrir a dignidade de cada pessoa humana, reafirmando que o ser humano é um valor em si e por si e que sua dignidade constitui o fundamento da igualdade de todos os homens entre si, porque cada pessoa é irrepetível. O fiel leigo é co-responsável, juntamente com os ministros ordenados e os religiosos, pela missão da Igreja, em particular no que se refere à índole secular¹⁸.

“É necessário inculturar o Evangelho à luz dos três grandes mistérios da salvação: a Natividade, que mostra o caminho da Encarnação e move o evangelizador a partilhar sua vida com o evangelizado; a Páscoa, que conduz através do sofrimento à purificação dos pecados, para que sejam redimidos; e Pentecostes, que pela força do Espírito possibilita a todos entender, na sua própria língua, as maravilhas de Deus” (cf. DSD, n. 230).

O desafio da inculturação, que implica o conhecimento de novos valores que coincidam com a mensagem de Cristo, como ainda o resgate das características cristãs, desfiguradas ou já abandonadas pela sociedade secularizada e, também, a incorporação de novas conquistas da cultura atual nas quais a fé cristã possa se encarnar, tem como principais protagonistas os fiéis leigos, mas também os religiosos e os ministros ordenados, dentre os quais os **diáconos permanentes**, tendo em vista a sua particular situação de homens casados e profissionais que atuam na sociedade civil.

“O diácono permanente, por sua condição de ministro ordenado e inserido nas complexas situações humanas, tem um amplo campo de serviço em nosso Continente. Através da vivência da dupla sacramentalidade, a do Matrimônio e a da Ordem, ele realiza seu serviço, detectando e promovendo líderes, promovendo a co-responsabilidade de todos para uma cultura da reconciliação e da solidariedade... principalmente nas zonas

¹⁸ João Paulo II, *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, n. 15.



*rurais distantes e nas grandes áreas urbanas densamente povoadas, onde só através dele um ministro ordenado se faz presente*¹⁹.

O documento de Medellín, já em 1968, pede, com urgência, que se viabilize o diaconato permanente, em vista da formação das comunidades fundadas sobre a Palavra de Deus (cf. n. 6,14). Oriundos da própria comunidade, os diáconos, juntamente com os presbíteros e os religiosos, são os mais indicados para animá-las, através da descoberta e da formação de lideranças. Sob a orientação dos bispos, os líderes são preparados para assumir responsabilidades na Igreja local (cf. n. 15,11).

O documento de Puebla vê como fenômeno animador o surgimento e a ação dos diáconos permanentes com seu ministério diversificado, especialmente nas paróquias rurais e nas comunidades eclesiais de base (cf. DP, n. 672). Os bispos ressaltam, ainda, que a missão e a função dos diáconos não devem ser avaliadas com critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que venham a exercer, nem tampouco como solução para a escassez de presbíteros, e acrescentam: “A conveniência do diácono se depreende da sua contribuição eficaz para melhor cumprimento da missão salvífica da Igreja, graças a uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora” (cf. DP, n. 698).

O documento de Santo Domingo deseja “uma pastoral urbanamente inculturada com relação à catequese, à liturgia e à organização da Igreja. A Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano, discernir seus valores e antivalores; captar sua linguagem e seus símbolos. O processo de inculturação abrange o anúncio, a assimilação e a re-expressão da fé” (cf. DSD, n. 256). Os bispos insistem, ainda, na necessidade de inculturar o Evangelho nas etnias indígenas (cf. n. 248), nas expressões religiosas africanas (cf. n. 249) e nas comunidades mestiças (cf. n. 250).

A Igreja é enviada por Jesus Cristo, como o Pai o enviou. O Espírito Santo torna fecunda a evangelização como fez frutificar o anúncio de Jesus. Na Igreja, a humanidade deve ver e ouvir o Senhor. Desde Pentecostes até o final dos tempos a Igreja proclama ao mundo o apelo do próprio Deus, em vista da salvação de todos em Cristo e se torna resposta dessa salvação. O diácono ocupa um lugar de destaque nessa obra evangelizadora, pois revela, por meio de sua ordenação, uma dimensão especial da diaconia, do sacerdócio e do mistério de Cristo.

¹⁹ Cf. DSD, nn. 76-77; cf. CNBB, *Diretrizes para o Diaconato Permanente*, n. 40.



“O diácono é a expressão do ministério ordenado colocado o mais próximo possível da realidade laical e do protagonismo dos leigos. Com os leigos, que santificam o mundo por suas vidas, os diáconos, pela presença sacramental e o testemunho, ajudam a construir um mundo mais de acordo com o Projeto de Deus”²⁰.

2.3 Diálogo e diaconia

“Descendo às conseqüências práticas e mais urgentes, o Concílio inculca o respeito ao homem; que cada um respeite o próximo como outro eu, sem se excetuar nenhum, levando em consideração antes de tudo a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente, a fim de não imitar aquele rico que não teve nenhum cuidado com o pobre Lázaro” (cf. *Gaudium et Spes*, n.27).

O Concílio Vaticano II quis inaugurar um diálogo amplo e profundo com a sociedade moderna baseado na humildade e na afabilidade, mas também na sinceridade e na verdade (cf. *Ad Gentes*, n. 11). Constitui uma arte a ser cultivada, treinada (cf. *Apostolicam Actuositatem*, n. 29 e 31). “É dever da Igreja estabelecer o diálogo com a sociedade humana na qual vive... a fim de que sempre andem unidas a caridade, a inteligência e o amor, este diálogo de salvação que se distinga pela perspicácia da palavra e afabilidade, e ao mesmo tempo pela devida prudência, porquanto esta, ao favorecer a amizade, se destina a unir os ânimos” (cf. *Christus Dominus*, n. 13).

Reconhecendo que a diversidade de opiniões é legítima dentro da própria Igreja (cf. *Gaudium et Spes*, n. 92), o Concílio se abre ao diálogo ecumênico (cf. *Unitatis Redintegratio*, n. 5), estendendo contatos até mesmo com os que se opõem à Igreja (cf. *Gaudium et Spes*, n. 92), com os homens de todas as opiniões (cf. *Id.*, n. 43), de diversas culturas (cf. *Id.*, n. 56), desde que tenham boa vontade (cf. *Apostolicam Actuositatem*, n. 14).

Em sua Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, datada de 6 de agosto de 1964, por ocasião da festa da Transfiguração do Senhor, o Papa Paulo VI aborda o tema do diálogo, afirmando que Deus abriu o colóquio salvífico com a humanidade desde a Criação, mas de modo particular a partir da Encarnação de seu Filho (cf. Jo 3,16). O diálogo é, pois, inicia-

²⁰ Cf. CNBB, *Diretrizes do Diaconato Permanente*, 48.



tiva divina e não mérito nosso; cabe a nós retribuir este gesto de amor e responder positivamente ao apelo divino de salvação, embora seja livre e não obrigue a ninguém.

“Assim também a nossa missão, ainda que seja anúncio de verdade indiscutível e de salvação necessária, não se apresentará armada de coações externas, mas oferecerá o seu dom salvífico só pelas vias legítimas da educação humana, da persuasão interior e do trato ordinário, respeitando sempre a liberdade pessoal e civil”²¹.

O diálogo da salvação, continua o Papa, é destinado a todos sem qualquer discriminação e se estende universalmente, relacionando-se com qualquer cultura. Deve recomeçar cada dia, apesar das lentidões históricas e das dificuldades provindas das relações entre a Igreja e o mundo secularizado. “Conceber essa relação como diálogo é o que nos sugerem o hábito agora muito espalhado de assim representar as relações entre o sacro e o profano; o dinamismo transformador da sociedade moderna; o pluralismo das suas manifestações; e também a maturidade do homem, tanto religioso como não religioso, habilitado pela educação profana a pensar, falar e manter com dignidade o diálogo”²².

As características do diálogo são a clareza, a mansidão, a confiança e a prudência. É preciso dialogar com todos os que estejam abertos, de algum modo, a Deus, e que não põem obstáculos intransponíveis à revelação divina anunciada pela Igreja. “Ninguém é estranho ao seu coração materno. Ninguém é indiferente ao seu ministério. Ninguém, se não quiser, é seu inimigo. Não é em vão que a Igreja se diz católica. Não é em vão que está encarregada de promover no mundo a unidade, o amor e a paz”²³.

O documento de Medellín considera o diálogo um serviço à humanidade: “A Igreja deseja servir o mundo, irradiando sobre ele uma luz e uma vida que cura e eleva a dignidade da pessoa humana, consolida a unidade da sociedade e dá um sentido e um significado profundo a toda a atividade dos homens” (cf. DM n. I, 5). A Igreja da América Latina quer ser evangelizadora dos pobres e solidária para com eles.

Em Puebla, os bispos definem a Igreja como perita em humanidade (cf. DP, n. 511). Ela não reivindica nenhum privilégio, mas se coloca a

²¹ Paulo VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, n. 43.

²² Id., *ibid.*, n. 45.

²³ Id., *ibid.*, n. 53.



favor de cada ser humano (cf. DP, n. 1212; n. 74), disposta a colaborar com a sociedade pluralista (cf. DP, n. 1037). Em Santo Domingo, os bispos se referiram ao diálogo com as religiões não-cristãs, e afirmaram: “Deus, num diálogo que dura ao longo dos séculos, ofereceu e continua oferecendo a salvação à humanidade. Para ser fiel à iniciativa divina, a Igreja deve entrar em diálogo de salvação com todos. Ao promover esse diálogo, a Igreja bem sabe que ele tem um caráter de testemunho, dentro do respeito à pessoa e à identidade do interlocutor” (cf. DSD, n. 136).

2.4 A diaconia do diálogo

A instituição dos Sete, *homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria* (cf. At 6,3), nos quais a Igreja vê os primeiros diáconos, é marcada pelo selo do serviço aos menos favorecidos: as viúvas helenistas não eram atendidas como as viúvas dos hebreus na distribuição diária dos mantimentos (cf. At 6,1).

Desde os primórdios, vemos os diáconos como servidores dos pobres, dos *sem voz e sem vez*, de pessoas excluídas do diálogo e da comunhão fraterna. São eles que exercem a diaconia da comunicação entre pobres e ricos, entre os que nada possuem e os que desfrutam dos bens materiais e espirituais. Não se limitam a ser servidores das mesas para prover o alimento a todos; acima de tudo, são promotores da dignidade humana. Mantêm vivo e permanente o diálogo entre os fiéis leigos e os ministros ordenados e dos fiéis entre si. Somente quando os diáconos, por motivos diversos, se distanciam de sua função de *ponte, de elo de união*, e se deixam atrair pelo fascínio do poder e da riqueza, começam a perder o sentido de sua vocação e de sua missão de servidores a exemplo de Cristo Servo.

O diácono promove o diálogo, primeiramente, em sua própria família, depois na comunidade eclesial e, em seguida, na sociedade civil. Para essa missão conta não apenas com suas capacidades humanas, mas sobretudo com a graça sacramental do Diaconato. Na Igreja e na sociedade prestará o diácono um serviço inteiramente desprovido de qualquer ambição pessoal. Como Jesus, ele se ajoelhará diante da comunidade para lavar-lhe os pés, a fim de que todos compreendam que, lavando os pés uns aos outros, se constrói a fraternidade universal. Nunca se está tão próximo do ser humano necessitado como quando se ajoelha para lavar seus pés. Nesse rebaixar-se, o diálogo se torna mais intenso e fecundo, o diálogo se faz *caridade*, fala todas as línguas, destrói todos os tabus.



Esse diálogo jamais passará: será o começo do eterno diálogo de amor em Deus-Trindade.

3 Perspectivas e desafios

- A Igreja é chamada a ser comunidade profética menos por aquilo que prega e anuncia e mais que pelo que ela é. O diácono não pode limitar-se a falar de Deus ou em nome de Cristo: ele é palavra de Deus.
- Uma vez que não se deve pregar o Evangelho como se fosse tão-somente uma doutrina, ainda que atraente, mas que ele constitui acima de tudo Palavra de Salvação, o diácono, antes de ser anunciador será discípulo e ouvinte. Buscará no contato diário com a Sagrada Escritura a força libertadora de Cristo e a anunciará aos irmãos. Por sua pregação e por sua vivência, o diácono demonstra à Igreja e ao mundo o poder transformador do Evangelho.
- Dado que o homem do nosso tempo “escuta com melhor vontade as testemunhas do que os mestres”, o diácono deverá evangelizar o mundo principalmente por sua fidelidade ao Senhor Jesus, através do testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade interior.
- Para desempenhar sua missão, a Igreja deve perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho. O diácono não medirá esforços para perceber nos acontecimentos de cada dia as exigências e as aspirações do nosso tempo, os verdadeiros sinais da presença de Deus entre nós.
- A nova evangelização exige o conhecimento das situações concretas vividas pelo homem de hoje, a fim de lhe poder oferecer a fé como elemento iluminador. O diácono se empenhará na busca de novos caminhos e formas que fundamentem uma pastoral renovada e eficiente, particularmente no que diz respeito às situações mais suscetíveis de exclusão eclesial e social.
- O diácono ocupará lugar de destaque no desafio da inculturação que exige o conhecimento dos novos valores em harmonia com a mensagem cristã, como também na percepção das características cristãs desfiguradas ou já abandonadas pela sociedade



- secularizada e, ainda, na incorporação de novas conquistas da cultura atual, nas quais a fé cristã possa se encarnar.
- O diácono deve ser avaliado não tanto por aquilo que faz, mas pelo que é, pelo que significa para a Igreja e para o mundo. Por isso mesmo, dará preciosa contribuição na formação de lideranças leigas, na construção de comunidades eclesiais de base, no fortalecimento e na inculturação das comunidades eclesiais rurais e urbanas, no encorajamento na fé da juventude, dos Movimentos de Igreja, dos vocacionados à vida religiosa, dos casais e das famílias, do vasto campo dos agentes das pastorais sociais.
 - O Concílio Vaticano II inaugurou amplo diálogo com a sociedade moderna, um colóquio que ocorre, antes de tudo, por iniciativa divina na criação e na encarnação, e que se situa como serviço à humanidade. O diácono, servidor dos pobres, dos *sem voz e sem vez*, dos excluídos da comunhão fraterna pela sociedade consumista, promoverá o diálogo da caridade de Cristo, primeiramente em sua própria família, depois na comunidade eclesial e, em seguida, na sociedade civil. Como Jesus, ele se ajoelhará perante a comunidade dos irmãos para lavar-lhes os pés, a fim de que todos compreendam que, lavando os pés uns aos outros, com verdadeiro despojamento e amor, se constrói a verdadeira e duradoura fraternidade universal.

III – MISTÉRIO PASCAL E DIACONIA

1 O Redentor do homem

“Redentor do mundo! Nele se revelou de um modo novo, de maneira admirável, aquela verdade fundamental referente à criação que o livro do Gênesis atesta quando repete mais de uma vez: Deus viu que as coisas eram muito boas. O bem tem sua origem na sabedoria e no amor. Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem – aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade – re-adquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da sabedoria e do amor. Com efeito, Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito. Assim como no homem-Adão este vínculo foi quebrado, assim no Homem-Cristo foi de novo restaurado”²⁴.

²⁴ João Paulo II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, n. 8.



No segundo capítulo da Encíclica *Redemptor Hominis*, João Paulo II sintetiza o mistério da Redenção centralizando em Cristo a restauração da natureza humana decaída pelo pecado. É ele quem promove a nova criação pelo sangue de sua Cruz e por sua Ressurreição. Por isso, na direção de Cristo Redentor do homem e do mundo devemos olhar o futuro da humanidade, porque só nele, o Filho de Deus, vencedor da morte e do pecado, está a salvação de todos os homens.

Cristo Ressuscitado é a Cabeça da nova criação, como Adão o foi da primeira criação, infelizmente maculada pelo pecado. De Cristo provém a restauração do ser humano e do mundo, não só restituindo a dignidade inicial, mas concedendo-lhe em superabundância o dom sobrenatural de sua graça. Fomos revestidos segundo a imagem de Cristo (cf. Cl 3,10). A criação foi submetida à vaidade na esperança de ser igualmente libertada da escravidão da corrupção, *para gozar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus* (cf. Rm 8, 19-21).

Em Cristo, portanto, teve início a nova criação, aquela mesma que os profetas haviam anunciado. Pelo batismo, o homem é inteiramente renovado à imagem de seu Criador, feito em Cristo nova criatura (cf. Cl 3,10; Gl 6,15). Nele o ser antigo desaparece e um novo ser se faz presente: “*Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova*” (cf. 2Cor 5,17). Todo o universo é igualmente redimido, porque Cristo tudo recria. Nele tudo é reconciliação (cf. Cl 1,20). Criação e redenção se unem em torno de Jesus em vista das boas obras (cf. Ef 2,10).

Cristo Redentor penetrou de maneira única e irrepetível no mistério do homem, em seu coração, a tal ponto que, somente no mistério do Verbo Encarnado, se torna claro verdadeiramente o mistério do próprio homem. “Nele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída; por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de certo modo a cada homem” (cf. *Redemptor Hominis*, n. 8).

À luz dessa revelação se explica o mistério da cruz e da morte de Cristo. Sua kênose foi o começo da nossa restauração. Enquanto se abaixou, se fez obediente, assumiu a condição de escravo, Jesus Cristo elevou a humanidade e a criação para além de sua dignidade original. A humilhação do Filho de Deus nos proporcionou a filiação adotiva (cf. Fl 2,6-11). “A Redenção que se realizou por meio da Cruz restituiu definitivamente ao homem a dignidade e o sentido de sua existência no



mundo, que ele havia perdido em considerável medida por causa do pecado” (cf. *Redemptor Hominis*, n. 10).

Em Cristo nos foi restituída a salvação (cf. Rm 5,12). *Por suas chagas fomos curados* (cf. 1Pd 2,21-24). Identificados com Cristo em sua morte, nos tornamos um com ele por sua ressurreição (cf. Rm 6,5-11). Resgatados pelo seu Sangue precioso, fomos elevados à perfeição definitiva (cf. 1Pd 1,18-21; Hb 10,12-14).

“O silêncio da ressurreição é aqui, mais do que nunca, o mistério do Reino que vem. Doravante, em sua humanidade integral, Jesus É; toda aparência seria ainda sinal de morte. Por essa razão ele não aparecerá a seus discípulos como um ausente que faz aparição, mas, conforme a clareza do vocábulo evangélico, ele se deixa ver por eles. Jesus não mudará de fora: ele É; são eles que, na medida de sua fé, o reconhecerão. O corpo que surge vivo do túmulo já não é somente aquele da sede do homem; é agora, e para sempre, o da fome de vida”²⁵.

Cristo é a *pedra viva rejeitada pelos construtores, mas constituída como pedra angular* (cf. 1Pd 2,7). Cristo é a pedra angular, porque une duas realidades vindas de direções diferentes: os Apóstolos vieram da circuncisão, da nação judaica; os convertidos helenistas eram considerados gentios. Ambos se encontram na única Igreja de Cristo edificada sobre ele, qual pedra angular. A paz e a unidade se consolidaram em Jesus Cristo que, de dois povos, formou um só (cf. Ef 2,14).

“Eis, portanto, o verdadeiro sacrifício vespertino: a paixão do Senhor, a cruz do Senhor; a oblação da Víctima salvadora, holocausto agradável a Deus. Esse sacrifício vespertino, ele o converteu, por sua ressurreição, em oferenda da manhã. Assim a oração que se eleva, com toda a pureza, de um coração fiel, é como o incenso que sobe do altar sagrado. Não há aroma mais agradável a Deus: possam todos os fiéis oferecê-lo ao Senhor”²⁶.

Da primeira à última criação tudo acontece por Cristo e em Cristo. Nele a humanidade se torna nova. O velho Adão que gerou a humanidade para o pecado é figura do novo Adão, Cristo é Cabeça da humanidade redimida que é seu corpo (cf. Cl 1,18; Ef 1,22ss). Por isso, todo o poder lhe foi dado na terra (cf. Mt 28,18; Jo 17,2). O Pai entregou tudo em suas

²⁵ Corbon, J., *Liturgia de Fonte*, Paulinas, São Paulo, 1981 (trad.), p. 38.

²⁶ Santo Agostinho, *Comentários sobre os Salmos*, Liturgia das Horas, Vol. II, p. 149.



mãos (cf. Hb 1,2; 2,6-9). Tudo deve ser restaurado em Cristo, os seres celestes e os terrestres (cf. Ef 1,10). Tendo a plenitude do Espírito (cf. Mc 1,10; Lc 4,1), ele o comunica aos homens para os renovar inteiramente e fazer deles uma nova criatura (cf. Rm 8, 14-17; Gl 3,26ss; Jo 1,23).

A nova criação inaugurada em Pentecostes deve alcançar plena realização quando também a humanidade participar da ressurreição. “O que esperamos, conforme sua promessa, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça” (cf. 2Pd 3,13). Então acontecerá o que Paulo anunciou aos Romanos: “Pois a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu, na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (cf. Rm 8,19ss). Cristo Resuscitado, vencedor da morte e Senhor da vida tornará *novas todas as coisas* (cf. Ap 21,1-5) e a criação chegará à perfeição na qual foi criada. No mistério da Ascensão do Senhor antecipamos a vitória definitiva:

“Por isso é que se diz: Tendo subido às alturas, levou consigo o cativo, concedeu dons aos homens. Que significa subiu, senão que ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas” (cf. Ef 4,8-10)²⁷.

Cabe a nós viver esta vida nova, a imagem divina restaurada por Cristo, a fim de produzirmos frutos de santidade e justiça, tendo em nós os sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5). Somos convidados à permanente renovação interior: “Vós, porém, não aprendestes assim de Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (cf. Ef 4,20-24).

2 A Igreja, servidora da Redenção

A pregação dos Apóstolos não deixa dúvidas sobre o significado da redenção de Cristo (cf. At 4,11-12). O Espírito de Deus está sobre a Igreja, a fim de que realize obras dignas dele, buscando as coisas do alto e não as glórias passageiras da terra (cf. Rm 8,10-11; Cl 3,1-2). Em

²⁷ Id., *ibid.*, p. 150.



Cristo, a Igreja é sacramento, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano. Ao atualizar, no anúncio da Palavra, na celebração sacramental e na vida, a ressurreição de Jesus, acontecimento constitutivo da própria Igreja, ela dirige o olhar ao homem e endereça a consciência e a experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo (cf. *Redemptor hominis*, n. 10).

Tantas vezes celebramos a Páscoa; tantas vezes a liturgia nos anunciou a grande nova da libertação do pecado, em Cristo morto e ressuscitado. Seria a liturgia ineficaz? Infelizmente, vivemos ainda sob o regime do pecado, porque ainda não nos deixamos transformar inteiramente em Cristo, e porque estamos ainda a caminho da transformação definitiva. *Trazemos esse tesouro em vasos de argila para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós* (cf. 2Cor 4,7). Ainda não alcançamos o prêmio definitivo (cf. 1Cor 9,24).

“A Igreja de Deus tem, portanto, vocação de servidora. Como o Pai enviou o Filho Bem-amado para que ele fosse seu servidor e diácono, por um serviço dos seus irmãos que iria até à doação de sua vida, da mesma maneira envia a Igreja, desde o Pentecostes até o final dos tempos, para que, por ela e nela, o Espírito leve à sua consumação o uma vez por todas da Páscoa. Introduzida no Cristo-Servidor, encontrando aí sua realidade de comunhão com o mistério do Pai, a Igreja não pode amar e servir a Deus em verdade, a não ser na medida em que ela ama e serve aos homens em verdade. Não é possível para ela uma dicotomia entre serviço de Deus e serviço dos homens, consagração a Deus e consagração aos homens. Por ela, por causa de sua natureza de koinonia, se efetua a realização e presença ativa do amor criador e salvador do Pai, em toda a espessura do mistério humano”²⁸.

A celebração da Páscoa nos conduz à Fonte da salvação. “Vi a água saindo do lado direito do templo, aleluia! E todos a quem chega esta água recebem a salvação e proclamam: Aleluia, aleluia” (cf. *Liturgia Batismal da Vigília Pascal*). Nós todos comemos do mesmo Pão, do mesmo Corpo do Senhor, por isso formamos um só corpo. Ele é nossa paz, nele formamos um só povo, um só homem novo, um só corpo.

O mandamento novo deve ser o legado oficial de toda a pastoral da Igreja para o mundo. Ela exercerá acima de tudo o ministério da

²⁸ LAMBERT, Bernard, *A Nova Imagem da Igreja*, Ed. Herder, São Paulo, 1969 (trad.), pp. 54-55.



comunhão. Colocar-se-á ao lado da vida e dos direitos fundamentais do ser humano. Será, por antonomásia, a servidora de Jesus.

“A promoção da caridade e do serviço constitui um campo de evangelização vasto e diversificado. O diácono testemunha a presença viva da caridade de toda a Igreja e contribui para a edificação do Corpo de Cristo, reunindo a comunidade dispersa, desenvolvendo o senso comunitário e o espírito de família. Vai ao encontro das pessoas de qualquer religião ou raça, classe ou situação social, fazendo-se um servidor de todos, como Jesus”²⁹.

Na abertura da segunda sessão do Concílio Vaticano II, em 29 de setembro de 1963, o Papa Paulo VI conclamou a Igreja à vivência da caridade. “A educação da caridade terá o lugar de honra: deveremos aspirar à *Ecclesia Charitatis*, à Igreja da caridade, se quisermos que ela seja apta a renovar-se profundamente a si mesma e – o que é particularmente árduo e difícil – a renovar o mundo em torno dela”³⁰.

Como essa comunhão já existe, mas ainda não em plenitude, a Igreja vive da esperança, comprometendo-se a fomentar todas as iniciativas e gestos concretos que visam à comunhão entre todos os homens, e entre a humanidade e Deus. A esperança se torna compromisso de solidariedade em busca da civilização do amor. Essa é uma dimensão essencial da diaconia da Igreja em relação à humanidade e, por conseguinte, missão primordial do diácono como servidor da caridade de toda a Igreja.

A proclamação eclesial da esperança escatológica fundada na força renovadora de Cristo Ressuscitado e na ação do seu Espírito, constitui a tensão permanente e alegre no *já e ainda não*. Confiante, a caminho do dia do Filho do Homem, a Igreja se apoia no testemunho da verdadeira caridade e da fraternidade universal. O cristianismo não se confunde com uma experiência vaga e individualista da fraternidade e da salvação; funda-se sobre uma adesão livre, consciente e comprometida com o projeto de comunhão com Deus e com os homens.

Em meio às esperanças e às angústias do mundo de hoje (cf. *Gaudium et Spes*, 1), a Igreja é uma instituição divino-humana que procura acrescentar novos valores àqueles já existentes na sociedade. Não pode jamais ceder à tentação de simplesmente repetir o passado. Mais que

²⁹ CNBB, *Diretrizes para o Diaconato Permanente*, n. 53.

³⁰ Cf. REB, vol. 23, IV, 1963, n. 34, p 1068.



outra instituição, a Igreja é portadora da eterna novidade, Jesus Ressuscitado. “*O Senhor nosso Deus, Todo-poderoso, passou a reinar. Fiquemos alegres e contentes e demos glória a Deus, porque chegou o tempo das núpcias do Cordeiro. Sua esposa já se preparou. Foi-lhe dado vestir-se com linho brilhante e puro*” (cf. Ap 19, 6-8). Cristo Jesus, aquele que esteve morto, mas reina vivo, *é o Primeiro e o Último, aquele que vive* (cf. Ap 1,18). A Igreja assume o mundo para transformá-lo, na força do Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos, e torná-lo mais semelhante à imagem do Cristo glorioso (cf. 1Cor 15,49).

Faz igualmente parte da missão da Igreja empenhar-se, no seguimento de Cristo Servidor, em prol dos pobres e dos marginalizados, organizando e modelando a própria comunhão fraterna, inaugurando novas atitudes e novos espaços de comunhão fraterna no seio da comunidade cristã e em todo o mundo. Enquanto a humanidade continua seu caminho em busca da Jerusalém celeste que desce de junto de Deus, brilhando com a glória de Deus (cf. Ap 21,10), a Igreja continua sua missão de partilhar a caridade.

Nesse permanente esforço para compreender sempre mais e melhor o ser humano e de amá-lo com o amor com que Cristo nos amou, o diácono, sinal sacramental de Cristo Servo, não medirá esforços para estender a mão e o coração àqueles que, despojados de sua dignidade e dos bens necessários à digna sobrevivência, jazem à beira do caminho à espera do bom samaritano.

Animador e promotor da caridade eclesial, ele se empenhará na busca de novas soluções para a inclusão de todos numa sociedade justa e fraterna. Não se contentará em ser um mero executor de tarefas, mais ou menos determinadas, mas será alguém capaz de criatividade pastoral, de inaugurar novas possibilidades, como alguém que procura interpretar as aspirações dos homens do nosso tempo, alguém que é líder e suscita lideranças (cf. DSD, n. 77).

A Igreja se situa no mundo como presença de transformação. Como é sabido, no capítulo quarto da *Gaudium et Spes*, os Padres conciliares analisaram a missão e a função da Igreja no mundo. Reconheceram que há uma relação mútua entre ambos fundamentada no diálogo. Embora tenha uma missão que transcenda os limites temporais deste mundo, a Igreja está presente aqui na terra e, de modo algum, se sente alheia aos problemas da humanidade.



A Igreja não só se preocupa com a vida espiritual das pessoas, mas também irradia luz sobre as sombras que pairam sobre a humanidade, procurando restabelecer a dignidade da pessoa humana (cf. *Gaudium et Spes*, 40). O diácono ocupa um lugar privilegiado nessa missão, dadas as suas características de ministro ordenado, casado e com profissão civil, próximo do bispo e de seu presbitério, mas também das famílias, dos colegas de profissão, enfim, da sociedade secular. Um homem de Igreja e um profissional civil com participação ativa nos acontecimentos do mundo secular.

O Concílio destacou o auxílio que a Igreja presta a cada ser humano, dado que lhe foi confiado manifestar o mistério de Deus, deste Deus que é o fim último do homem e, ao mesmo tempo, aquele que lhe revela o sentido da própria existência. Dentro desse contexto, a Igreja defende a dignidade humana que corre o risco de ser desvirtuada por ideologias e por interesses sociais, políticos e econômicos. Pela força do Evangelho que lhe foi confiado, a Igreja proclama os direitos humanos, ao mesmo tempo em que admite e até mesmo aprecia o dinamismo daqueles que se empenham nessa causa.

“Saiba o mundo: a Igreja olha-o com profunda compreensão, com admiração verdadeira, sinceramente disposta não a subjugar-lo, mas sim a servi-lo; não a depreciá-lo, mas sim a lhe aumentar a dignidade; não a condená-lo, mas sim a ampará-lo e a salvá-lo”³¹.

O diácono deve estar atento às situações de subdesenvolvimento e de pobreza generalizada, tornando-se protagonista da construção de uma nova ordem social, política e econômica que corresponda aos verdadeiros anseios de Deus e do povo. Ele é o novo fermento (cf. 1Cor 5,8) que faz crescer a nova sociedade, o sal que a preserva continuamente da corrupção e a luz que indica o alvorecer de um novo dia, abrindo novos horizontes de solidariedade (cf. Mt 5,13-16). O diácono é chamado a dar testemunho de vida familiar e profissional, através de sua atuação profética junto às famílias e aos colegas de profissão. Deve, ainda, despertar a comunidade para os seus direitos e suas obrigações, convocando a todos para o mutirão em vista da fraternidade universal.

“O diácono, antes de ser servidor da Palavra, será discípulo e ouvinte. Com freqüência fará a leitura meditada e orante da Sagrada Escritura,

³¹ Id., *ibid.*, n. 58, p 1072.



que é a escuta humilde e cheia de amor daquele que fala. A familiaridade com a Palavra de Deus facilitará o itinerário de conversão não apenas para separar-se do mal e aderir ao bem, mas também para alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé como resposta à Palavra de Deus se torne o novo critério de juízo e avaliação das pessoas e dos acontecimentos”³².

Por sua ação evangelizadora, o diácono proclama a palavra de Deus não como uma notícia qualquer, mas como quem a vive em profundidade. Somente, então, poderá, na celebração eucarística, juntamente com toda a comunidade eclesial, celebrar o mistério anunciado, acolhido, vivido e, agora, ofertado por Cristo, com Cristo e em Cristo ao Pai, na unidade do Espírito Santo. A função litúrgica do diácono não se reduz aos ritos sacramentais: ao celebrá-los, ele mesmo se une à única oferta agradável a Deus, o sacrifício oferecido uma vez por todas, por Cristo, ao ofertar sua vida em remissão dos pecados. O serviço litúrgico do diácono deve manifestar que o culto a Deus e o serviço fraterno são inseparáveis, e que a eucaristia deve ser, por excelência, a celebração da caridade fraterna.

“A função diaconal simbolizava, de algum modo, o duplo movimento de sístole e diástole da eucaristia. O diácono levava o Pão eucarístico, e trazia para o altar as oferendas que exprimiam a comunhão dos fiéis. Levava aos doentes, ao mesmo tempo que o Corpo do Senhor; o auxílio da comunidade. Recebia e distribuía. Seu ministério simbolizava a função diaconal da Igreja e demonstrava que a liturgia e a vida social não são duas realidades justapostas, mas pólos de uma mesma economia, pulsações de um mesmo movimento, que através de Cristo vem de Deus e a ele retorna. No culto, o serviço encontra sua fonte; no serviço, o culto encontra sua eficácia. Toda a ação litúrgica deve ser um impulso para a ação”³³.

3 Perspectivas e desafios

- O Espírito de Deus está sobre a Igreja, a fim de que dê frutos dignos de Cristo, buscando as coisas do alto, e não as glórias da terra. O diácono não medirá esforços para estender o coração e a mão àqueles que, despojados de sua dignidade e dos bens

³² Cf. CNBB, *Diretrizes do Diaconato Permanente*, n. 58.

³³ HAMMAN, A., *Vie liturgique et vie sociale*, Paris, 1968, p. 308.



para a digna sobrevivência, jazem à beira do caminho à espera do bom samaritano.

- A Igreja de Deus tem a vocação de servidora do Reino; não pode amar e servir a Deus de verdade, a não ser na medida em que ela ama e serve os homens. O diácono não se contentará em ser mero executor de tarefas, em praticar, de vez em quando, obras de caridade. Ele será um cristão abrasado pelo amor de Cristo, que o torna capaz de criatividade pastoral, inaugurando novas possibilidades de concretização da caridade fraterna.
- A celebração da Páscoa nos conduz à Fonte da salvação. O mandamento novo deve ser o legado mais precioso de toda a Igreja para o mundo. O diácono testemunha a caridade de toda a Igreja e contribui para a edificação do Corpo de Cristo. Ele vai ao encontro das pessoas de qualquer raça, classe, situação social, para, mediante seu serviço, proclamar que todos são amados e queridos por Deus.
- A educação para a caridade constitui a motivação maior de toda a Igreja para sua obra evangelizadora. Ela se situa no mundo como presença de transformação, pela força de Jesus Ressuscitado. O diácono ocupará lugar privilegiado nessa missão, dadas as características de ministro ordenado, casado, próximo do seu bispo e do presbitério, mas também presente junto às famílias, aos colegas de profissão, à sociedade secular.
- A missão da Igreja abrange uma dimensão sacramental pelo seu próprio ser; ela é também sacramental pelo seu agir *in persona Christi*. A função litúrgica do diácono não se reduz aos ritos sacramentais que preside: ao celebrá-los, ele mesmo se une à única Oferta agradável a Deus, o Sacrifício oferecido uma vez por todas, por Cristo, ao ofertar ao Pai sua vida em remissão dos pecados. O serviço litúrgico do diácono deve manifestar que o culto a Deus e o serviço fraterno são inseparáveis, e que a eucaristia deve ser, por excelência, a celebração da caridade que jamais passará.
- A Igreja olha o mundo com profunda compreensão, com admiração verdadeira, sinceramente disposta não a subjugá-lo, mas sim a servi-lo. O diácono deve estar atento às situações de subdesenvolvimento e de pobreza generalizada, tornando-se protagonista de nova ordem social, política, econômica, que corresponda ao verdadeiro amor a Deus e ao povo.



Conclusão

O rápido olhar que lançamos sobre o mistério de Cristo, aquele a quem o Pai falou *nestes dias que são os últimos* (cf. Hb 1,2), a quem nos mandou escutar como seu Filho eleito (cf. Lc 9,35), aquele que, ao entrar no mundo, declarou que veio, com prazer, fazer a vontade do Pai (cf. Hb 10,7), nos permitiu contemplar, na fé, o que o apóstolo João vivenciou: *“O que era desde o princípio, o que ouvimos e o que vimos com os nossos olhos, que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos, que estava junto do Pai e que se tornou visível para nós – isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas para que a vossa alegria seja completa”* (1Jo 1,1-4).

Cristo, servidor do Pai na obra da criação, iluminará para sempre os passos da Igreja, dos diáconos de modo particular, no sentido de reconhecer, respeitar e acolher a imagem do Verbo divino, impressa em todos os homens, particularmente no rosto daqueles que a maldade humana cobre com o desprezo, as injustiças e a violação sistemática dos direitos.

Por sua encarnação, Cristo ensinará à Igreja, aos diáconos em especial, a vocação e a missão, sempre inacabada, de encarnar-se na sociedade humana, a fim de que, de fato, *“as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, sejam também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”* (cf. *Gaudium et Spes*, 1).

Através de seu mistério pascal, o Redentor dos Homens nos liberta da lei do pecado e da morte (cf. Rm 8,2). Se Cristo está em nós, o Espírito que o ressuscitou dos mortos também nos vivificará (cf. Rm 8,10-11) e nos transformará em testemunhas do Ressuscitado, como os apóstolos (cf. At 2,32). Seremos agentes de transformação, porque o Cordeiro imolado, sentado para todo o sempre no trono, *faz novas todas as coisas* (cf. Ap 21,5). Ele, na força do seu Espírito, o Espírito da Verdade, nos conduzirá à verdade plena (cf. Jo 16,13).

A Igreja vive em permanente Pentecostes! O Espírito Santo, qual vento impetuoso, encherá o coração da Igreja, os nossos corações, com seus infinitos dons, a fim de que, como nos primórdios da Igreja, saibamos, também hoje, encontrar *homens de boa reputação, cheios*



do Espírito e de sabedoria (cf. At 6,3), e enviá-los para prover às mesas da humanidade, tão frequentemente vazias de amor e de solidariedade, para que ninguém seja excluído do banquete das núpcias do Cordeiro (cf. Ap 19,9).

Endereço do Autor:

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1690

88040-001 Florianópolis, SC

E-mail: goedertvalter@hotmail.com

Fone: (48) 3234-4443